



PSICANÁLISE

Claudio Castelo Filho

# Os (des)caminhos de Édipo

*A resposta é o infortúnio da pergunta*

**Blucher**

# OS (DES)CAMINHOS DE ÉDIPO

*A resposta é o infortúnio  
da pergunta*

Claudio Castelo Filho

*Os (des)caminhos de Édipo: a resposta é o infortúnio da pergunta*  
© 2023 Claudio Castelo Filho  
Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher  
*Editores* Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim  
*Coordenação editorial* Andressa Lira  
*Produção editorial* Regiane da Silva Miyashiro  
*Preparação de texto* Sérgio Nascimento  
*Diagramação* Alessandra de Proença  
*Revisão de texto* Karin Gutz  
*Capa* Laércio Flenic  
*Imagem de capa* Central Park West (acrílica sobre tela 100x80cm),  
de Claudio Castelo Filho

---

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
**contato@blucher.com.br**  
**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme  
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua  
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,  
julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita da  
editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Castelo Filho, Claudio

Os (des)caminhos de Édipo : a resposta é o  
infortúnio da pergunta / Claudio Castelo Filho.  
– São Paulo : Blucher, 2023.

128 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-613-5

1. Psicanálise I. Título

---

23-4271

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Psicanálise

# Conteúdo

Prefácio	9
1. O estranho, o duplo e a possibilidade de uma relação amorosa genuína	13
2. Os (des)caminhos de Édipo: a resposta é o infortúnio da pergunta	31
3. Da submissão à autoridade à responsabilidade por si mesmo	51
4. Encontros reais e encontros virtuais	79
5. A epopeia do herói ou profeta enviado pelos deuses a um mortal comum que exerce sua profissão: a religião e a religiosidade que permeiam as práticas psicanalíticas	91
6. Entre memórias do passado e memórias do futuro	113
Sobre o autor	127

# 1. O estranho, o duplo e a possibilidade de uma relação amorosa genuína<sup>1</sup>

## I

Eu estava em Brasília, jantando em um restaurante com um estimado colega após uma conferência que havia dado na Sociedade de Psicanálise de lá, quando olho para um lado do restaurante, e vejo um “senhor” que me parece familiar e me pergunto: quem é esse senhor? O senhor, para minha perplexidade e algum desconforto, por revelar-me a passagem dos anos, era eu mesmo refletido no espelho que estava na parede bem ao meu lado. Tal como a experiência de Freud relatada em nota de rodapé de seu trabalho “The uncanny” (Freud, 1919/1978, p. 248).

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente no *Jornal de Psicanálise*, 52(97), 51-66. 2019. Sofreu algumas atualizações e modificações para a publicação neste livro.

Minha reação nos primeiros anos em análise ao me deparar com um estranho a quem era apresentado todas as sessões foi, a princípio, de muita hostilidade e irritação para com meu analista, o inesquecível José Longman. Ao introduzir-me àquele que não reconhecia como eu mesmo, via-me tomado por muita irritação e ódio. Saía das sessões muitas vezes transtornado e pensando nas poucas e boas que diria ao analista na sessão seguinte, para depois me deprimir quando a ficha caía e me percebia irremediavelmente sendo aquele revelado, constatando a perspicácia de sua arguta observação. Levei muitos meses para me acostumar com essa experiência. A despeito do ódio vivido, não faltava a uma única sessão e, até mesmo, ansiava por elas, por mais revoltado que me visse amiúde.

Depois, essa vivência de ódio associou-se à de fascínio e curiosidade sobre esse estranho que me era apresentado diariamente, que também me revelava um mundo desconhecido. Associo essa vivência à dos contemporâneos de Copérnico, Galileu e Colombo, que revelaram a eles um mundo que não era o centro do universo, não era fixo, arrastado por uma estrela – verificada depois como bem pequenina, diante de colossos incomensuráveis de outros sóis – que girava em torno de si mesma, redondo – a despeito de isso estar sendo posto em dúvida novamente. Isso me permitiu também fazer grandes navegações e descobertas, uma vez que, também para mim, um mundo novo ia sendo desvelado. Fui percebendo a colaboração de Longman como algo de real consideração para comigo, pois nunca me tratou como um pobre coitado que não pudesse suportar a franqueza de suas observações – ou seja, percebia-me tendo recursos e punha-me para trabalhar duro nos atendimentos, o que certamente auxiliou no desenvolvimento que considero que me proporcionou.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Essa análise só foi interrompida devido ao falecimento de Longman após um ano de luta dele contra um tumor de pulmão. Estive com ele até o último dia em que teve condições de trabalho. Após essa análise de doze anos, tive mais dois outros analistas em longas análises. A última, com Cecil Rezze.

## II

No Palazzo Vecchio, no coração de Florença, há uma sala de mapas que mostra as mudanças da percepção do mundo dos europeus entre aproximadamente 1450 e 1530. Os primeiros mapas são representações bidimensionais que permitem a visualização do mundo até então conhecido, que compreendia basicamente o contorno do Mediterrâneo, destacando a costa meridional e parte da costa setentrional da Europa, o Oriente Médio, e o norte da África. Basicamente, esse era todo o mundo conhecido. Os mapas eram manufaturados em sentido contrário ao que vemos hoje, visto que somente com a supremacia da Inglaterra sobre os mares é que esta foi posta na parte superior das cartas, “encabeçando” o mundo. O que é notável de se verificar é a mudança ocorrida em um espaço muito curto de tempo, pois, com as transformações em curso durante o Renascimento, a percepção da esfericidade do planeta e as Grandes Navegações, em pouco menos de oitenta anos, foram confeccionados imensos globos terrestres com a configuração de mapas tendo os continentes representados de maneira muito aproximada à que pôde posteriormente ser constatada por fotos tiradas do espaço (para mim, é um assombro como conseguiram visualizar isso navegando em cascas de nozes frágeis, como as caravelas e galeões, e com instrumental precário – é para se dar muito valor à capacidade que têm os indivíduos visionários).

## III

Nosso trabalho consiste na vivência cotidiana de apresentar todo dia um estranho aos nossos pacientes – ou melhor, estranhos –, porque, como mostrou Bion em *Uma memória do futuro* (1991), somos um grupo de estranhos, como tiranossauro, ameba, somitos, aristocratas, homem primitivo assassino e brutal, astrofísico, prostituta, diabo,

sacerdote, vilão de ficção, fanáticos religiosos etc. Tal como ocorre neste livro, quando iniciamos uma análise, deparamo-nos com personagens aristocratas sentados na varanda de sua fazenda à espera da chegada de um exército inimigo que ganhou a guerra contra a Inglaterra. Logo em seguida, há uma reviravolta no estado de coisas, e os empregados tornam-se poderosos e submetem os patrões a seus caprichos violentos e cruéis, junto com uma sexualidade primitiva que os submete a todos, com estupros e paixões loucas, como a da patroa Alice por sua ex-empregada Rosemary, em relações de caráter sadomasoquista, e assim por diante. Como no início das análises, a fachada “arrumada” desaba, e todas as dimensões primordiais – e também não pensadas e não pensantes – vão surgindo.<sup>3</sup> Um estado ditatorial e cruel toma o poder, e há a luta de aspectos mais evoluídos para derrotar os mais primevos, que depois evolui para uma tentativa de conversa com eles, visto não serem passíveis de derrota. Surge a figura do psicanalista (quase sempre atacado e escarnecido) como intermediador entre esses diferentes personagens. Entre os que vão surgindo, há também aspectos do próprio psicanalista que vão se apresentando, como Eu, Eu Mesmo, Bion, Psicanalista, Bion de diferentes idades. A leitura do livro mobiliza desconforto, turbulência,

---

<sup>3</sup> Quando eu fazia supervisão com Yutaka Kubo, ele me relatava sua experiência com certos indivíduos que vinham para entrevistas como requisito de iniciar um trabalho analítico. Com seu forte sotaque japonês, Kubo mencionava pessoas que chegavam “muito arrumadas”, elegantes, falavam diversos idiomas, eram eruditas” etc. “Deitou no divã: psicótico!”, dizia com um leve golpe de caratê sobre o braço de sua poltrona. Ou seja, o verniz logo desaparecia, e as dimensões mais primordiais e nunca pensadas emergiam quase imediatamente. Em “The grid”, Bion (1977b, pp. 27-28) escreveu: “O dilema para o psicanalista é este: não creio, nem ninguém que tenha tido contato próximo com homens em condições de batalha, prisioneiros de guerra ou civis em estados similares de estresse, que os sentimentos dos homens e das mulheres, tanto como indivíduos quanto como membros de um grupo, tenham mudado; eles estão dormentes. Frequentemente estão encobertos por um verniz de civilização, o qual, não obstante, não esconde, apesar de que se possam disfarçar, as forças que subjazem” (tradução nossa).

perplexidade, incompreensão, aversão, fascínio, curiosidade e também grande interesse, de maneira análoga ao que pode ocorrer no evoluir de uma análise.<sup>4</sup> O final do livro propõe que os personagens com maior condição de conversa possam se tornar representantes dos demais e que um colóquio contínuo siga em frente, com a intermediação do psicanalista.<sup>5</sup>

Sendo assim, vejo a análise como a tarefa de apresentar uma pessoa a ela mesma – a esse grupo que a constitui, a cada dia um diferente, ou vários e surpreendentes aspectos podem se apresentar, tanto os mais brutais e primitivos quanto os mais sofisticados e criativos. O encontro de uma pessoa consigo mesma pode levá-la a um casamento dela com ela mesma, desenvolvendo um relacionamento, se possível amoroso, ou pelo menos respeitoso, com a única pessoa de quem não pode se separar ou se livrar.

## IV

Trabalhando com a disciplina de afastar memória e desejo (Bion, 1992, pp. 380-385; 1970/1977a), deparamo-nos não só com o estranho ou estranhos desconhecidos dos pacientes, mas também com um contínuo estranho que permanece brotando dentro de nós mesmos e do mundo que continua a se revelar – sempre em uma experiência de turbulência perturbadora e ao mesmo tempo fascinante. Isso

---

<sup>4</sup> Na página 576, P. A. (psicanalista) diz: “Sim, mas é igualmente grave se as pessoas preferirem retroceder para o assassinato ou para a guerra como substitutos para a discussão a enfrentarem as dores e frustrações da conversa. De modo similar, o indivíduo pode sentir que drogas ou autoassassinato sejam preferíveis à tediosa disciplina da análise; os primeiros são sedutoramente mais rápidos” (tradução livre minha).

<sup>5</sup> Na última sentença do Epílogo (p. 578) ele deseja a todos uma Feliz Loucura e uma Fissão Relativista.

demanda que possamos suportar a intensidade das experiências emocionais associadas a esse modo de abordar a mente humana. Por conseguinte, ressalto a importância sem par da análise pessoal do analista, pois, mais do que qualquer compreensão ou conhecimento de teorias, aquilo de que ele mais necessita é a condição de suportar e assimilar a intensa turbulência emocional<sup>6</sup> de um contato genuíno com o outro desconhecido do paciente que entra em sua sala e daquele que emerge de dentro de si, a cada nova sessão e durante o evoluir de cada uma delas.

Percebo que, a despeito dos meus 27 anos de análise com três analistas diferentes, a maior parte de mim mesmo continua inacessível ou vai se revelando de maneira muitas vezes surpreendente – fazendo uma analogia com a vivência ao espelho, e com dimensões que consigo perceber e verificar, e às vezes manejar, por outras ficar perplexo de como parecem ter uma vida própria, por mais que tenha trabalhado e continue trabalhando curiosamente para me apropriar dessas dimensões. Um olhar curioso e isento de viés moral e de juízo de valor pode nos permitir nos aproximar disso que nos surpreende e desnorteia, e eventualmente se pode chegar a um diálogo e manejo dessas dimensões. O viés moral e curativo, a meu ver, torna-se um sério empecilho para que cheguemos a alguma intimidade real com nós mesmos e, por conseguinte, com outros seres humanos, quando isso é possível.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Quem não tiver noção dessa turbulência no trabalho analítico certamente não está em contato com a realidade do trabalho que exerce, ou não sabe de que realmente ele se trata, não obstante as aparências confortáveis ou elegantes que possa ter o ambiente do consultório ou os modos dos dois participantes da experiência analítica: analista e analisando.

<sup>7</sup> Evidencio a diferença de atitude de Édipo diante do que percebe em *Édipo Rei* e em *Édipo em Colono*, de Sófocles. Na última tragédia, Édipo descobre a importância da compaixão para consigo mesmo e do desastre que foi não ter podido se observar com ela nos eventos que o jogaram no desterro, na miséria, na cegueira e na destruição de sua família e reino.

A impossibilidade de esgotarmos o conhecimento e muito menos o “domínio” de nossos *selves* também se dá porque todo dia e a todo instante nos tornamos um novo desconhecido, não só por conta do envelhecimento ou da passagem dos anos, mas também porque cada experiência que temos – como a que o leitor pode estar tendo agora mesmo ao ler este texto, mesmo que o ache sem sentido e aborrecido – vai nos tornando um outro, ao mesmo tempo que algo permanente também continua, nessa dualidade paradoxal. Remeto à minha experiência com o espelho descrita no início deste trabalho.<sup>8</sup>

## V

O estranho não precisa ser necessariamente algo surreal. A realidade e a infinitude do universo ou dos multiversos, como têm proposto os físicos atuais, já são mais do que suficientes. O que nos defronta no nosso cotidiano já engloba o incomensurável.

A situação se revela aterradora se considerarmos que nossos órgãos senso-perceptivos alcançam somente um diminuto fragmento do que pode existir no ambiente em que nos encontramos. A realidade não está restrita ao que podemos perceber, por mais que nossos sentidos possam ser ampliados por microscópios, telescópios, aceleradores de partículas etc. Se pudéssemos ter acesso a outras percepções para além ou aquém do que nossa natureza nos capacita e, mesmo levando em conta o que essa capacidade nos mostra, sempre teríamos acesso às transformações (Bion, 1965/1977a), interpretações dos fenômenos

---

<sup>8</sup> Um amigo próximo descreveu uma situação tragicômica que se deu com sua sogra: depois de anos relutando e já com uma idade avançada, anuiu em fazer uma operação de catarata. Depois de feitas as intervenções, ela chamou-o e à filha, porque estava completamente indignada com o médico que a operou. Perplexo, o casal indagou o que se passava com ela. A sogra respondeu mostrando seu reflexo em um espelho: “Olha o estrago que ele fez no meu rosto!”

que observamos, e nunca à realidade última associada a eles (e quem acredita que o que percebe corresponde ao que de fato existe é o psicótico que confunde a percepção ou ideia, não distingue da coisa em si, com a realidade última), provavelmente ficaríamos apavorados com o que pode ser revelado; um universo bem ao nosso redor e que nos envolve, completamente desconhecido – não obstante estarmos imersos nele. Certamente, sairíamos correndo do ambiente em que estamos se pudéssemos ver as infinitas outras dimensões que nossos sentidos não são capazes de alcançar e que nem por isso deixam de nos afetar. Entretanto, nós humanos, que pretenciosamente nos autoatribuímos o título de *sapiens*, costumamos viver como se a natureza se restringisse àquilo que podemos “enxergar”, ouvir etc.

Mesmo o que vemos por meio de telescópios e outros recursos é o que foi, o que se supõe ter existido, visto que até a luz do Sol leva 8 minutos para chegar até nós. Caminhamos arrastados pelo planeta para um rumo completamente ignorado. Talvez diretamente para o *tsunami* de alguma explosão de supernova.

Considera-se a vida como sendo algo relacionado a sequências de carbonos e hidrogênio que necessitam de água e oxigênio. Procuram-se planetas onde poderia haver vida com esses referenciais! Quanta pretensão limitar a noção de vida a algo autorreferente!

Podemos nos reconciliar com nossa diminuta realidade e total falta de importância para o universo? Podemos aceitar que para o resto da humanidade não temos qualquer relevância? Podemos viver nossas vidas para sermos nós mesmos, ou vamos gastá-la para sermos importantes para os outros? Precisamos ainda ser relevantes para nossos pais, caso se revelem na experiência do bebê sem condições de tolerá-lo nos seus aspectos genuínos, e construir falsos *selves* a fim de podermos ser tolerados por eles e seus substitutos em relações transferenciais com nossos convivas e grupos de que fazemos parte depois de nos tornarmos adultos?

Quando se é um bebê ou uma criancinha, pode ser uma questão de sobrevivência produzir uma criatura tolerável pelos pais, caso eles não tenham condições para suportar a intensidade de experiências de genuína intimidade, e procurar desaprender e esquecer tudo aquilo de que a natureza nos dotou de fato, para nos tornarmos “bons” filhos ou “bons” cidadãos, não no sentido ético, mas no de não produzir turbulência nos grupos em que se está inserido. Posteriormente, caso essa situação persista, esse estado de coisas, necessário à sobrevivência nos primeiros tempos da vida, leva à ruptura de um indivíduo com ele mesmo, tornando-o incapaz de viver um amor-próprio por aquilo que realmente é e, por conseguinte, impossibilitando-o de ter relações amorosas genuínas com outras pessoas. Constroem-se vidas inteiras em cima de imitações, e não de algo real.

## VI

*Ozymandias*

*I met a traveller from an antique land*

*Who said:*

*– Two vast and trunkless legs of stone*

*Stand in the desert. Near them on the sand,*

*Half sunk, a shatter'd visage lies, whose frown*

*And wrinkled lip and sneer of cold command*

*Tell that its sculptor well those passions read*

*Which yet survive, stamp'd on these lifeless things,*

*The hand that mock'd them and the heart that fed.*

*And on the pedestal these words appear:*

*“My name is Ozymandias, king of kings:*

*Look on my works, ye mighty, and despair!”*

*Nothing beside remains: round the decay*

*Of that colossal wreck, boundless and bare,  
The lone and level sands stretch far away.*<sup>9</sup>  
(Percy Shelley)

Penso que um dos dilemas mais frequentes nas análises é a percepção que os pacientes vão tendo de que não têm importância para o resto da humanidade; para quase todos os habitantes do planeta sua existência é irrelevante, assim como o é a existência dos demais para a nossa. Não do ponto de vista social, ou da desconsideração humana, mas simplesmente porque não sabem nem terão conhecimento de nossas existências, assim como não temos nem teremos das deles. Costumo usar como modelo um “meme” divulgado pela internet em que aparecem uma foto da Via Láctea com e outra sem a Terra. Na realidade, é a mesma imagem – nossa existência e de nosso planeta são absolutamente irrelevantes para o universo. A questão fundamental é se podemos nos dar importância e respeito mesmo que somente,

---

<sup>9</sup> Proposta de tradução livre:

Eu encontrei um viajante de uma terra antiga  
Que disse:  
– Duas gigantescas pernas de pedra sem torso  
Erguem-se no deserto. Perto delas na areia,  
Meio afundado, jaz um rosto partido, cuja expressão  
E lábios franzidos e escárnio de frieza no comando  
Dizem que seu escultor leu bem aquelas paixões  
Que ainda sobrevivem, estampadas nessas partes sem vida,  
A mão que os zombava e o coração que os alimentava.  
E no pedestal estas palavras aparecem:  
“Meu nome é Ozymandias, rei dos reis:  
Contemplem minhas obras, ó poderosos, e desesperai-vos!”  
Nada resta: junto à decadência  
Das ruínas colossais, ilimitadas e nuas  
As areias solitárias e inacabáveis estendem-se à distância.

e – com sorte – para alguns outros poucos, tenhamos relevância e possamos fazer falta durante um breve período de nossas vidas e, quem sabe, um pouco após nossas mortes, para sermos inexoravelmente esquecidos. Frequentemente, uso como referência nomes de certas personalidades que tiveram um sucesso extraordinário uma ou duas gerações anteriores (como Rita Hayworth e Bette Davis) ou até contemporâneas (como Catherine Deneuve), para espantar-me que alguns pacientes mais jovens e informados não tenham a menor ideia de quem tenham sido ou são.

Alguns indivíduos podem usar o artifício de promover genocídios ou guerras devastadoras de modo a se tornarem inesquecíveis. Boa parte dos ídolos da nossa espécie são grandes genocidas, como o foram Alexandre o Grande, Júlio César, Gêngis Khan, Catarina a Grande e Potemkin, Luís XIV e Napoleão Bonaparte, entre outros, que possuem cultos às suas memórias. Mas até esses nomes, fora de grupos com alguma erudição, são ilustres desconhecidos para a imensa maioria dos seres humanos.

## *VII. Sobre a possibilidade de se observar uma situação sem querer solucioná-la*

A paciente constantemente se atrasou durante anos de sua análise. Algumas tentativas de interpretação de seus atrasos foram feitas durante esse tempo, sem qualquer eficácia. Disciplinei-me para não tentar buscar solução para essa questão e fui acompanhando esse fenômeno. Depois de muito tempo observando os movimentos da paciente em análise, um padrão ficou evidente: ela recriminar-se por seus atrasos e admoestar-se moralmente por esse comportamento. Isso ficou patente em uma sessão específica em que mais uma vez chegou cerca de 10 minutos atrasada e passou a desqualificar-se por assim agir. Disse-lhe que se recriminar e se depreciar moralmente

não parecia levar a lugar algum. Se fosse algo útil, ela já teria parado de atrasar-se. Propus que pudéssemos considerar seu atraso não como algo que resistia à análise ou tampouco a obstruía. Poderíamos considerar o “atraso” não como algo que esquivava uma situação, mas era algo que se apresentava dessa maneira para nosso escrutínio. Em vez de querermos que aquilo não se manifestasse, poderíamos prestar atenção para ver o que era, do que se tratava, o que se apresentava daquela forma (“atraso”). Ela não sabia dizer, e eu disse que tampouco tinha ideia, mas que seria útil considerar esse “atraso” como uma manifestação de algo que solicitava nossa atenção. Surpreendentemente, nas sessões que se seguiram, a paciente deixou de se atrasar, a despeito de não termos encontrado ou dado qualquer sentido para o que se passava.

Depois de uns quatro meses, ela voltou a se atrasar uns 15 minutos e mais uma vez iniciou a sessão se recriminando, ralhando consigo mesma. Fiz a observação de que a via se fustigando e que me parecia que ela tirava prazer em se atormentar. Ela anuiu e disse que poderia ser verdade que ela gostava de se atormentar. Fui observando sem nada dizer, até que algo ficou patente para mim, e uma imagem “materializou-se” em minha mente com vigor. Propus-lhe então a seguinte interpretação: *Estávamos diante de uma relação sexual de natureza primitiva, extremamente prazerosa e igualmente dolorida e violenta. Uma relação sadomasoquista muito intensa entre ela e ela mesma, entre ela, ela mesma e eu, que ficava de testemunha-voyeur, supostamente aflito ao observar essa relação, e também colocado como participante; entre o pai e a mãe dela, que ela colocava em uma constante relação de grande prazer e dor, com violência moral e física, diante da qual ela também estava como testemunha aflita e também excitada, e os pais que também a viam aflita para sair dessa situação. Porém, ao mesmo tempo, quanto mais aflita a viam, mais incrementavam a atividade em função do prazer que era tirado de vê-la atormentada e excitada, colocando-a como participante.*

A paciente relatou que o pai era mesmo um homem um tanto truculento. Eu disse que não tinha muita importância como o pai de fato teria sido, mas o que seria relevante era essa cena que ela teria dentro de si, que ela mantinha em uma atividade de interminável prazer e sofrimento, sempre perpetuado, do qual seria difícil ela separar-se devido ao prazer e à excitação que aquilo lhe propiciava.

Ela ficou alguns instantes em silêncio e, em seguida, disse que parecia surpreendente para ela que essa imagem estivesse fazendo tanto sentido. Ela reconhecia que minha descrição parecia ser muito pertinente. A sessão encerrou-se pouco depois, e ela saiu da sala me agradecendo.

A ideia não tem por finalidade apresentar uma dimensão da paciente da qual ela deveria se envergonhar ou padecer por isso. O propósito é apresentar de uma forma pensável, tornada psicologicamente representável, uma “fantasia” que nunca se tornou propriamente uma fantasia, nunca havia se tornado nem consciente e tampouco inconsciente (Bion, 1980, pp. 20-22), pois era vivida concretamente em ação todos esses anos de sua vida e de análise comigo, na espera de um dia adquirir significado e de poder ser assimilada mentalmente, o que capacitaria a paciente ao reconhecimento do significado de suas ações e uma possível reconciliação dela com essas vivências até então não elaboradas por nunca terem atingido uma condição de ser propriamente pensadas e, assim, poder lidar com elas.

## VIII

Por fim, relato a experiência de uma sessão com um analisando muito inteligente e intuitivo, com alguns anos de análise.

Ao entrar em meu consultório, deparou-se comigo em uma saleta logo após a porta de entrada, à direita do pequeno *hall* de

distribuição do conjunto em que atendo. A sala de espera para meu consultório está um pouco mais adiante, também à direita, saindo de um pequeno corredor que começa bem em frente à porta de entrada, e o meu consultório se encontra diretamente no final desse corredor.

Ao deitar-se, ele me indaga o que fico fazendo naquela saleta (várias vezes, em ocasiões anteriores, assustou-se por não esperar encontrar-me lá). Eu perguntei o que ele imaginava sobre isso, e a resposta, entre irônica e um tanto apreensiva, foi que eu teria uma espécie de painel de controle com visores para saber o que se passa no prédio e para vê-lo subindo no elevador, ou algo assim. Sugeri que fosse até a saleta para verificar o que disse. Ele disse que, como em alguns filmes, logo que saio da saleta tudo aquilo some, como por mágica. O tom era de brincadeira, mas havia também temor no que dizia.

Em seguida, passou a narrar sua preocupação com um funcionário que considera uma pessoa boníssima e especial. Ele ia visitar familiares seus, que nunca conhecera, em outro estado. Temia que ele, sendo tão bom e quase ingênuo na sua bondade, pudesse ser vítima de pessoas que não fossem de boa índole lá aonde estava indo.

Em seguida, referiu-se a uma amiga que considera viver fora da realidade. A amiga vive de pensão do ex-marido e não trabalha. Acredita em todo tipo de pensamento mágico e esotérico. Ele recebe o que pode acontecer com essa mulher, caso o ex-marido venha a falecer. Não sabe como poderá sustentar-se. Fiquei escutando o analisando, mas nenhum fato selecionado (Bion, 1962/1977a, pp. 72-73) se apresentava, portanto, continuei aguardando.

Prossigui fazendo digressões sobre essas pessoas e indaguei se tinha uma ideia do que gostaria de me comunicar com tudo o que estava a dizer. Ele negou que tivesse e, como eu também permanecia sem ter qualquer luz sobre o assunto, segui acompanhando.

Então, ele se interrompeu para dizer que havia sonhado durante a noite algo muito aflitivo. O sonho referia situações atuais que tinham como cenários lugares de sua infância. Via-se roubando tudo de valor da empresa familiar da qual é um dos principais proprietários. Enfiava tudo dentro de sacolas e escondia em um lugar humilde que frequentava quando criança. Espantava-se que tanta coisa de valor pudesse caber em poucas sacolas. Era descoberto por um membro próximo da família; contudo, conseguia convencê-lo de que fazia o “roubo” para preservar o patrimônio do negócio. Mantinha-se, entretanto, apavorado, porque sabia que o decano fundador da empresa ia inexoravelmente descobrir a falcatura, e seria pego por ele. Não haveria jeito de escapar, não seria capaz de enganá-lo.

Permaneceu um pouco em silêncio, e ocorreu-me espontaneamente que ele já me informara que a maior parte dos familiares sócios da empresa é de pessoas muito presunçosas, velhacas, desonestas, extremamente ambiciosas, mas que são, ao mesmo tempo, pueris e se acham poderosas por direito divino. Se ele quisesse, já poderia ter passado essas pessoas para trás há muito tempo. O sonho foi o fato selecionado que me esclareceu o que se desenrolava na sessão.

Disse-lhe que o sonho representava aspectos dele mesmo que eram vorazes, mesquinhos, invejosos, corruptos, que queriam pegar tudo dos outros para si. Ele, entretanto, tinha outros aspectos que contrabalançavam esses primeiros, que teriam consideração ética (diferente da moral) e amorosa, que o impediam de levar adiante seus desejos deletérios. O decano da família representava essa consciência ética que possuía. Ele também sabia que precisava estar muito atento para que o comportamento voraz e quase sempre presunçoso, perdulário e fora de senso de realidade dos demais sócios não levasse a empresa à bancarrota. Sempre tinha de agir para impedir negócios insensatos que propunham, segundo já havia me informado durante anos de trabalho.

Associei a ideia da minha saleta de espionagem na entrada do consultório a essa consciência que ficava monitorando-o. Essa, sim, ainda tinha uma característica moralista. Durante anos, ele temeu que nós descobríssemos algo dele que revelaria o quanto era alguém horrível e desprezível. Isso se liga aos constantes sustos que experimentou nas vezes que me encontrou fora do lugar onde julgava que eu deveria estar, tal como um santo em altar de igreja que está sempre no mesmo local. Ao me comunicar, entretanto, aquele sonho perturbador e incômodo, ele estaria se sentindo mais confortável a expor para mim e para si essas dimensões perigosas sem que necessariamente sofresse um massacre. Já havia um certo humor ao considerar essa consciência vigilante e moralista.

Ponderei que nunca poderia se “curar” dos aspectos vorazes, invejosos e corruptos. Eles fazem parte da sua natureza, da nossa natureza humana. Todavia, prossegui, considerando que seria desastroso se não os tivesse ou os perdesse, pois é a possibilidade de ser íntimo deles, de conhecer e assimilar seus aspectos safados, inescrupulosos, que o capacita a não funcionar de maneira ingênua e pueril na vida, tal como seu funcionário bonzinho e sua amiga que acredita em mágica – que vive em algum mundo idealizado e ingênuo –, o que pode levá-los a serem presas de gente cruel, pois não conseguem reconhecer a desonestidade dos outros, nem lidar com eles, por não terem contato com seus próprios aspectos malandros e delinquentes. É preciso intimidade com eles para poder se valer destes e, dessa maneira, ser capaz de se safar na vida, de ser “safo”, ter jogo de cintura, tanto para lidar com os próprios desejos vorazes quanto para habilitá-lo a lidar com os dos outros, tornando-o mais apto para a vida real. Havendo uma contraparte capaz de amar<sup>10</sup> e de

---

<sup>10</sup> Faço um contraponto com outras pessoas cuja necessidade de destruir a capacidade do analista de pensar e de ser criativo sobrepõe-se à sua necessidade real de ajuda, tal como o escorpião da fábula de Esopo. Essa condição individual fica logo patente nos primeiros contatos analíticos na atuação incessante do

ter consideração real por si mesmo (o que inclui o reconhecimento dos aspectos truculentos), ele também se torna apto a relações de amor genuínas com terceiros, sem, no entanto, ser tolo e sem meios para se resguardar ou proteger a si mesmo e aos que ama.

O paciente sorri e descreve uma sensação de maior conforto interno, parecendo estar mais reconciliado consigo mesmo, em uma relação, a meu ver, de um amor mais genuíno por si mesmo. Não um amor por algo ideal (na verdade, ódio e rejeição pela pessoa que realmente é quando isso ocorre), mas um amor pela pessoa existente, com todos os seus “defeitos”, que, por outro lado, também se revelam como absolutamente indispensáveis para que ele possa se cuidar, e cuidar de outros, de maneira realista e afetiva.

---

analisando para “derrubar” o analista mesmo que a custo de suas próprias esperanças. Como exemplo emblemático disso, cito uma moça que me procurou há muitos anos. Fui buscá-la na sala de espera de uma clínica em que tinha consultório com outros colegas analistas. Ela estava vestida com esmero e usava joias pesadas e caras. Convidei-a para acompanhar-me até minha sala por um corredor que levava até ela. Seguindo meus passos, ela veio pelo caminho desancando a decoração do ambiente, a construção da clínica, deplorando tudo antes mesmo de entrar no meu consultório. Entrando na minha sala, ela sentou-se à minha frente e começou a depreciar tudo o que via. A decoração era cafona, o lugar deplorável etc. Por fim, perguntou-me se eu sabia por que ela estava lá. Diante de tudo o que já me apresentara desde a sala de espera, disse-lhe, com delicadeza, que imaginava que devia se sentir muito só. Ela levantou-se e começou a vomitar impropérios na minha direção. Gritava que eu era um idiota, que não sabia de nada, que eu nunca a tinha visto e que, portanto, era um perfeito imbecil de achar que podia saber algo dela, que era cheia de amigos. Chegou bem próximo à poltrona onde eu permaneci sentado calmamente sem nada dizer, e enfurecida olhou para mim, olhou para a porta e disse: “A porta é serventia da casa, não é?” e colocou-se porta afora sem eu ter dito uma palavra. O ódio à realidade e uma inveja violentíssimos, segundo conjecturo, a impediam de receber qualquer forma de auxílio.

## *Referências*

- Bion, W. R. (1977a). *Seven servants, four works by Wilfred R. Bion*. Jason Aronson.
- Bion, W. R. (1977b). *Two papers: the grid and caesura*. Imago.
- Bion, W. R. (1980). *Bion in New York and São Paulo*. Clunie Press.
- Bion, W. R. (1990). *A memoir of the future*. Karnac.
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. Karnac.
- Freud, S. (1978). The uncanny. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 219-252). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1919)
- Sófocles. (1967). Oedipus the king and Oedipus at Colonus. In *The complete plays of Sophocles*. Bantam Books. (Trabalho original do século v a.C.)



A publicação de um livro de Claudio Castelo Filho é sempre aguardada por seus inúmeros leitores. Sua cultura, sinceridade e capacidade de comunicar o que pensa sobre a psicanálise e o trabalho do analista o identificam como um autor da rara estirpe dos que descrevem o nosso ofício de maneira muito próxima do que de fato ocorre na sala de análise. É psicanálise em *statu nascendi*. Seu estilo nos convida a testemunhar o que pensa e faz. Seu uso de literatura, teatro, pintura, cinema e situações da vida cotidiana para iluminar o pensamento e a escrita é uma característica que seduz e atrai o leitor na direção de uma psicanálise que flui, livre e libertadora, desde sua mente criativa. Seus comentários sobre detecção de juízo moral, às vezes muito bem disfarçado no trabalho analítico, é uma das grandes virtudes desse excelente livro. Livro que é um achado! Seguramente, muitos o encontrarão.

*Renato Trachtenberg*

Membro fundador e titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Membro titular da Associação Psicanalítica de Buenos Aires. Médico psiquiatra pelo Hospital Italiano de Buenos Aires.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-613-5

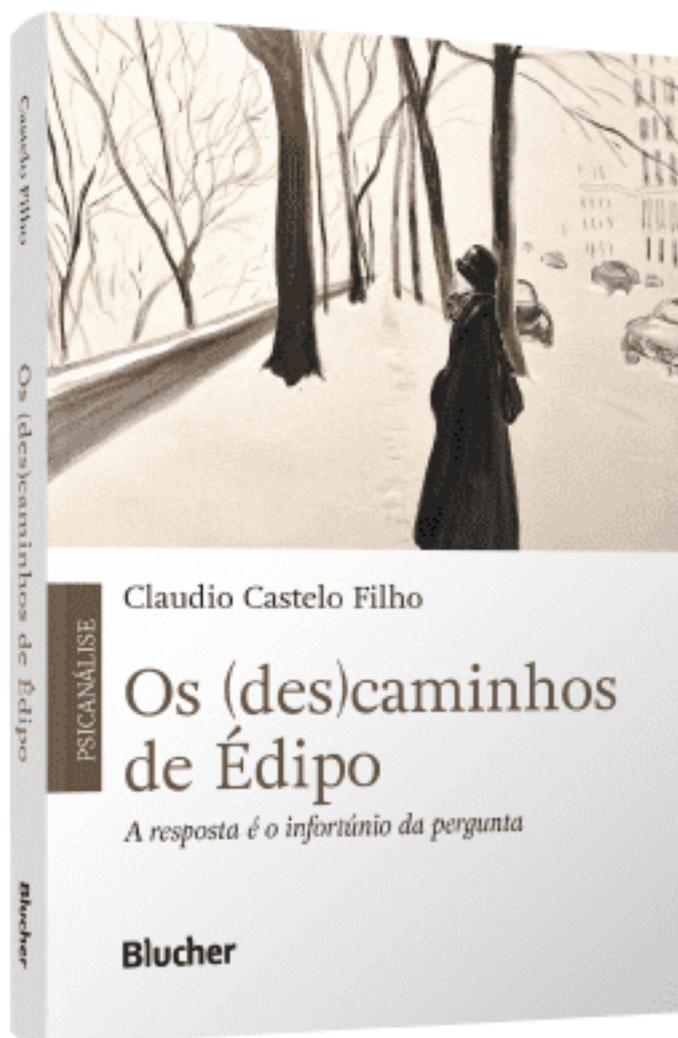


9 786555 1066135



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Os (des)caminhos de Édipo

A resposta é o infortúnio da pergunta

---

Claudio Castelo Filho

ISBN: 9786555066135

Páginas: 130

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023

---